

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Agosto de 2024 - Nº 626

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

PAIS PARA OS CÃES

DURVAL TAVARES

Ciao
No Brasil, agosto é popularmente conhecido como o “mês do cachorro louco”. Antes que alguma mente doente pense que é por isso que o Dia dos Pais recai neste mês, resumio o que li a respeito, do mês e do dia. A conclusão é sua. Não se esqueça que de médico e de louco todo mundo tem um pouco. Lembrei-me de Noel: *“fui louco/resolvi tomar juízo/a ida-de/vem chegando e é preciso....”*.

Agosto: Pesquisas revelam que as condições climáticas no Brasil (temperatura, incidência de chuvas, ar) nesse mês são mais favoráveis ao cio das cadelinhas e, por causa da fertilidade das fêmeas, os machos começam a disputa entre si para decidir quem vai acasalar. Ainda que seja natural da espécie, o problema pode agravar-se se um cão contaminado com raiva a transmitir pela saliva para seus inimigos, contaminando diversos animais, os tais *cachorros loucos*. Além das doenças virais, como raiva e leishmaniose, as brigas entre os machos

afetam regiões corporais do cão, causando perfurações de pele, músculos, olhos, narinas, boca e orelhas, entre outras mais expostas, o que, dependendo da intensidade, pode levar o animal a óbito. Por causa dessa característica, no mês de agosto realizam-se campanhas de conscientização da população para a raiva. Na internet tem muito mais. Experimente o site Canal do Pet. Um lembrete: Vacine seu pet!

Dia dos Pais: Comemorado no Brasil no segundo domingo de agosto desde 1953, a data foi criada nos Estados Unidos e, a partir de 1924, se expandiu para o mundo. Nos EUA, o Father's Day é comemorado no terceiro domingo de junho. Há relatos, no entanto, que apontam para festejos em torno da figura do pai há cerca de 4 mil anos, na Babilônia. Na Espanha, Itália e Portugal o Dia dos Pais é comemorado no dia 19 de março, Dia de São José. Em junho está o maior número de comemorações do Dia dos Pais: Argentina, Peru e Reino Unido (terceiro domingo de junho), Paraguai comemora uma semana antes, Canadá no

dia 17 e Grécia no dia 21. Na África do Sul (segundo domingo de agosto), na Austrália (segundo domingo de setembro). Isso prova, creio, sem receio de errar, não haver vínculo algum entre a comemoração do Dia dos Pais com mês do cachorro louco, ainda que muitos pais se comportem como tal, ou pior. Isso é o que dá muita raiva.

Alheio a tudo isso, R.Q., que vivia sempre atrasado e apressado, saía bem cedo de casa rumo à estação ferroviária para iniciar sua jornada lá no Ceasa, onde, como já dito, era o famoso “CC - carregador de caixote”. Pensava em ganhar mais e, por isso, estudava e gastava. Nem manutenção de sua casa alugada fazia por falta de recursos técnicos e financeiros. Viviam numa lona de dar dó. Tinha dia em que o saboroso sopão do Ceasa lhe parecia churrasco em brasa e era a sua salvação. Até o dinheiro para condução era contado e, naqueles tempos, não havia o suporte de vale-transporte, benefício instituído pela Lei nº 7.418, de 16 de dezembro de 1985, com concessão obrigatória prevista na

Constituição Federal de 1988. Não morava mais em Manguá. Tinha seguido a tendência de vários jovens e procurado o que fazer longe de lá. Alugou uma casa um pouco mais perto do trabalho e, com isso, assumiu mais uma despesa. Num certo dia, na primeira quinzena de agosto, saiu de casa correndo (correr, corria todo dia) e largou seu cachorro Pezolo pelo caminho. Ele, o cachorro, encontrou uma bela cachorriinha pelos descaminhos e não acompanhou o dono como de costume. Aquela corrida rendeu ao rapaz a mordida de um vira-lata, um cão de rua bem mais feroz do que seu Pezolino. Certamente o cachorrão não gostou de ser passado pra trás. A bem da verdade, os cães são territorialistas e precisam proteger o local onde vivem, no caso desse desconhecido, a rua. Normalmente correm atrás de todo aquele que tente invadir seu espaço e sua reação natural é atacar (o ataque é a melhor defesa). O movimento do rapaz foi um chamariz e aí ele sentiu dor profunda numa das pernas. Só teve tempo de ouvir um latido abafado por seu gemido e por seu grito (vivia ma-

tando cachorro a grito). Teria que agir rápido, porque, alienado ou não, sabia que o dente de um cachorro não vacinado (provavelmente aquele da rua não era) poderia lhe transmitir a tal raiva canina. Para o seu SOS recorreu ao (PSSS) Pronto Socorro Sete de Setembro. Não demorou e o jovem sentiu quão dramática seria a solução. Foi atendido por um doutor de bom humor, com um sorriso à la Coringa que, após explicar o que faria, sacou uma seringa tamanho família e, sem pestanejar, num segundo, espetou-lhe na região do umbigo com uma agulha ponta grossa. Aquela coisa queimou a barriga do rapaz que, por segundos, viu borbulhas de calor no ar. Dominado por enorme raiva, quase deu uma dentada na mão do doutor. Por sorte, conteve-se. Decidido! Naquele dia não iria ao Ceasa, nada de rua, nada de caixotes, nada de aula de inglês, apenas queria voltar para a casa sua. Chegou por volta das dez viu-se frente a frente com o Pezolino e, surpreso, com o seu pai, o Massimo, que lá estava em trabalho de manutenção da casa. Sem qualquer aviso, ele

tinha chegado bem cedo depois de horas de viagem na carroça do Zio Niba e estava no meio de um trabalho planejado para aquele dia. Enquanto o tio se encarregava de consertar vazamentos das torneiras, substituir lâmpadas queimadas, resistência do chuveiro e algumas telhas quebradas, seu Massimo começava a pintar a casa. Portava uma brocha na mão, tinha uma lata de thinner e um galão com tinta cor rosa *fúcsia* (mistura das cores vermelho, branco da cal e azul – achei interessante o nome *fúcsia*). Não fosse o dente de um animal de rua, provavelmente doente, raivoso, certamente o rapaz encontraria dificuldade em reconhecer a casa sua. Essa era parte da ideia. A mordida doída de um doido cão, um louco, estragou só um pouco a surpresa que teria, mas o encheu de muita alegria, tanto que a perna nem mais doía.

E mais, aquele cheiro de thinner com aguarrás fez o rapaz se lembrar de que, no domingo seguinte, seria comemorado o Dia dos Pais.

Ciao.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE SOLO DE SACRINATA

IVAN

Estávamos na doce lida de executar valsinhas antigas, daquelas que repartem os cabelos ao meio e tecem de cada lado uma trança amarrada com fitinha vermelha, quando o Ílson interrompeu a música e profetizou, baseando-se nos seus conhecimentos de agrônomo: “Saracura três-potes, em cima do mourão da porteira, quando canta, de duas uma – ou chove ou não chove”. Tá certo que a pinga era da forte; mas nem tanto. O Cródio, por exemplo, tinha se servido de apenas uma dose da cachaça com jabuticaba que tio Bertinho curtira e lhe oferecera e, que ele, Cródio, denominou “Morteiro de Três Tiros”, por causa dos estragos que a pinga lhe provocou nos dentes e na cabeça. Porém, a quantia, mesmo pequena, fez com que

os olhos do Cródio comesçassem a se misturar e a visão a ficar desregulada. No momento em que o Ílson lançou sua sentença meteorológica, estava o Cródio a nos acompanhar com duas latinhas de refrigerante e, como ele, cheias de chumbo. Parou, também, com o ritmo, degustou a frase, digeriu, ruminou e tentou repeti-la, de tanto que gostou. Acontece que a “Morteiro de Três Tiros”, além de afetar-lhe os miolos, atingiu também a fala, principalmente a língua. Derrapando nas letras, o dedo na testa arrastando a memória, regurgitou a frase: “enceradeira de compota, quando úmida, ou furou ou está desligada”. A gargalhada do Beto da Clarinete não soou bem aos ouvidos do Cródio. Por isso, permaneceu sério e, antes que expelíssemos outra valsa, repetiu a dose da “Morteiro de

Três Tiros”, encheu-se de coragem e advertiu: “Vou repetir a máxima do Ílson, tintim por tintim. Mourão de porteira, quando sara, de duas uma: caiu o pote ou o passarinho voou”. O Cródio não gostou nem um pouquinho quando o Corão enfiou uma toalha na boca e o Carlos segurou a hérnia. Então, ele, um emérito professor de geografia, conhecedor profundo de climas e suas consequências, homem de letras, fotógrafo de mão cheia, tinha que suportar as chacotas dos companheiros por causa de uma simples falha de memória? Era injusto, era desconsideração. Mas a canalha que ria dele não perdia por esperar. Deixaria aquele instrumento primitivo – a latinha barulhenta – que só servia para marcação do ritmo e buscaria algo superior para executar. Antes de escolher o instrumento

preferido – violão, saxofone, clarinete e flauta – atirou nas entranhas mais uma dosezinha da “Morteiro Três Tiros”. Com alguma dificuldade levantou-se e jogou a ameaça, que saiu pelo dedo apontado:

- Pois fiquem vocês sabendo que agora vou fazer um solo de sacrinata.

Deu papuque no Ílson e sapituca no Carlos. O Corão disse que sentiu lipotimia e, o Beto, Mal de São Guido. Tio Bertinho, antes de rolar pelo chão e tomado por espírito de músico, ainda perguntou: “Quem?”.

Não se sabe ainda que instrumento é a tal da sacrinata e nem de onde veio. Mas já tem um nome. Basta alguém inventá-la. É nisso que dá misturar valsa com pinga curtida na jabuticaba.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

DELÍRIO

Ah! Esse delírio chamado desejo
Esse amor que constrói
Minha boca de vontade
De seus beijos...



Ah! Esse fio de corpo quando vejo
Me alucina, meu delírio à noite
Em sonho o corpo examina
E a revejo...

Ah! Esse delírio chamado desejo
Na força de seus mistérios
Abrasa meu corpo em arquesijos
Tirando-me fora do sério!

Petronio Monteiro

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 70

ISMAEL RIELI

A, sempre presente na memória, casa onde nasci e vivi felizes anos de infância tinha 2 terreiros: um, enorme na frente, onde de noite as vacas ruminavam, e o da cozinha onde ficava a bica e minhas queridas árvores e 3 entradas: da sala, da cozinha e a do corredor com acesso por uma escada tosca de pedras. Essa escada levava-nos ao porão e à horta. O porão bem alto era onde fazíamos as necessidades e que também acolhia algum animal: Cavalo doente ou machucado. O batente da entrada do porão não estava bem chumbado e balangava (não me importa que os dicionários não registrem) pra lá e pra cá. Um dia meu pai — e eu sempre perto dele, claro! — colheu um feixe de capim gordura para um cavalo que ali se recuperava. O feixe era robusto e, na passagem, forçou o batente que desabou na minha cabeça. Desmaiei e meu pai, apavorado, correu pra minha mãe: “- Vá buscar o menino que eu o matei”. Carrego até hoje, do lado esquerdo do crânio, uma depressão que não me deixa esquecer de meu adorável e saudoso pai. Logo começou intensa procura do menino

queria falar da escada tosca de pedras de uns 10 ou 12 degraus, em cujas gretas, pontualmente, às onze horas, abriam as florzinhas vermelhas para enfeitar nossa escada. Num canto da escada guardávamos as varetas depois que colhíamos, na horta, serpenteada de canaletas d'água, os feijões de vara. Era um bom feixe apoiado nas paredes da escada e do porão, com um desvão de um lado.

Taboal viceja em terreno pantanoso. Perto de casa havia um belo taboal. Ainda não bem acostumado com calças compridas, confeccionadas pela Sinhana Mourão, fui colher um rojãozinho no taboal — existem os mais gordinhos e os mais delgados e esbeltos — no lodo, sujei as calças. Meu pai, (sempre tive um pegadão por ele) alertou - me que a mãe não ia gostar nada, nada; podia passar-me uma carraspana, um corretivo (o que não era comum com meus pais. O máximo que se permitiam era ralhar com os filhos). Meio assustado, entafuiei (não importa que os dicionários não registrem) atrás das varas de feijão para dar tempo ao tempo.

Logo começou intensa procura do menino

desaparecido. Quietinho, no começo ouvia o burburinho e até via alguns procuradores que passavam por perto. Em pouco tempo adormeci. Sono pesado. Sempre fui um dorminhoco. Depois de umas duas horas caiu uma pancada de chuva que me despertou. Com a maior calma subi a escada das Onze Horas. Todos me abraçavam: Rindo, chorando, perguntando. Uma “contenteza” muito grande, um alívio, um milagre.

Alguém foi avisar o compadre Angelino da Fé, administrador da Fazenda do Alemão, que não carecia mais esvaziar a represa: o fujão aparecera belo e fagueiro, não houve carraspana. Houve sim uma alegria, um contentamento generalizado da comunidade toda, da família e de todos os vizinhos que deixaram de banda seus afazeres para procurar o menino sumido.

As imagens da casa onde nasci e passei felizes anos da infância dos terreiros, das árvores frutíferas, da escada florida do ribeirão piscoso tenho-as vivas e nítidas na memória, mas, porém (pecado!-dommage!) nenhuma foto restou.

Como diz mestre

Bandeira na sua “Ultima Canção do Beco”

“Vão demolir esta casa.

Mas meu quarto vai ficar,

Não como forma im-perfeita

Neste mundo de aparências:

Vai ficar na eternidade,

Com seus livros, com seus quadros,

Intacto suspenso no ar!”

X X X

No seu laureado Tor-to Arado, (cuja leitura recomendo) Itamar Vieira, ao abordar a fome na Bahia contanos acontecência trágica.

“Houve até o caso de uma família em pau-de-colher, contou tia Hermelina, que morreu depois de comer uma siriema no desespero da fome; a ave tinha comido uma cascavel e sua carne estava impregnada de veneno peçonhento”.

X X X

Mais um punhado de quadrinhas.

Saudade – bem consumado

No pensamento da gente;

Saudade – luz do passado

Iluminando o presente...

Geraldo Monteiro Guia

Os teus olhos dizem sim,

A tua boca diz não,

Quisera saber agora

O que diz teu coração.

A.A.M.Silva

longe de ti, meu amor,

morro de tédio e de mágoa,

bem como morre uma flor

posta num jarro sem água.

Antônio Sales

E' nossa alma, uma criança,

Que nunca sabe o que faz.

Quer tudo que não alcança.

Quando alcança, não quer mais.

Adelmar Tavares

Não sou vaidoso, mas tenho

Dois orgulhos imor-tais!

- É ser pai da minha filha

E é ser filho de meus pais!

Albano Lopes de Almeida

Cair em erros na vida,

Quem é que pode evitar?

Quantas quedas leva o rio,

Até que chegue no mar!

Lindouro Gomes

O bambu como muita gente

Se parece no feitio:

Por fora – é belo e imponente,

Por dentro – é ôco e vazio...

Nilo Aparecida Pinto

Para o mundo somos dois.

Para nós, somos só um.

- Um que vive pra dois.

- Dois que vivem pra um.

Lais Costa Velho

Noite escura. Solitário

Pelas ruas vago a êsmo...

Vou chorando em meu calvário

A procura de mim mesmo.

Walter José Faé

Quando acaso sinto, crede,

Vontade de trabalhar, Deito-me logo, na rêde,

Até a vontade passar...

Augusto Linhares

Há muita parecência entre nós e os italianos.

Se senti voglia di lavorare

Siedeti e aspetta:

Vedrai che ti passa.

O GATO



In memoriam :
Humberto Roque Monteiro

Caiu do telhado
Caiu porque caiu

Então caíram estrelas
Então caíram cometas

A lua caiu depois
O sol caiu depois

Todos caíram de vez

Depois do miau do gato
a vida caiu também

Popo de Sião

DEL RUBENS, O LOCUTOR APAIXONADO

L. A. GENGHINI

Hoje, ao sair para encomendar minhas frutas para a semana e os incomparáveis pastéis da japonesa na feira Maestro Villa Lobos, no mesmo local há mais de 50 anos, me encontrei com Del Rubens, um músico, locutor e apresentador de auditório, nosso vizinho, com quem, de vez em quando topamos e paramos para uma prosa.

Hoje foi um pouco mais demorado e Del Rubens estava acompanhado do filho e de mais dois colegas e amigos, de longa data, do show business popular. Del Rubens é um artista bastante versátil porque, canta, compõe, atua como locutor, apresentador e se dobra para trabalhar o tempo todo na promoção de outros músicos,

pelas emissoras de rádio e televisões do Brasil.

Em um terreno desajeitado numa esquina, Del Rubens conseguiu implantar um estúdio de gravações completo, onde são gravados programas de auditório que depois são distribuídos para serem reproduzidos em vários canais de televisão do Brasil, dentre elas a Rede Vida.

O artista já tem mais de duzentos e cinquenta composições, gravou mais de cem músicas de sua autoria em doze discos e detém um DVD de Ouro pelas execuções da música “Locutor Apaixonado”. Compositor e intérprete da música “Hoje sou um tanto faz para quem eu tanto fiz”, já tem mais de 25 milhões de visualizações no YouTube. (You Tube.com/

delrubens).

Pelo seu estilo e pelo seu jeito de ser, acredito que Del Rubens possa se integrar com as duplas e outras ações musicais de Monte Sião, como a Orquestra de viola *Violeiros de Sion*, as Bandas da Fundação Pascoal Andreata, o músico Eduardo Godoi, a dupla Evaldo Carvalho e Jaqueline, o duo Camila Moraes e Raquel e outros valores musicais como musicistas, instrumentistas e compositores. Disse-me Del Rubens, que está desenvolvendo um programa de duas horas semanais e precisará de muitos convidados novos.

Vislumbro como boa oportunidade e possibilidade de sucesso a interação de secretaria de cultura da cidade a fim de, eventualmente, con-

tratar Del Rubens e sua trupe para que possam participar de eventos públicos no pavilhão da praça, podendo até fazer dobradinhas com os artistas locais. Fica a dica. Caso deseje entrar em contato, segue o telefone/wzapp, (11) 98223-1140.

Deixo a seguir alguns links para acesso a eventos:

https://www.youtube.com/watch?v=l-Qpsj7gO_FQ; <https://www.youtube.com/watch?v=ig2skaZPvDA>; <https://www.youtube.com/watch?v=wApkL-97pVQw>

Ao som da música “locutor apaixonado”, vou parando por aqui, desejando sucesso a todos.

Até qualquer hora, pessoal!

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praínha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHORE E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

DONA MARIA, DOS CACHORROS E DOS PARANGOLÉS

VALDO RESENDE

Era uma época boa, quando cachorros eram amigos do homem. Ninguém carecia de passear com eles catando cocô pelas ruas. Precisavam de carinho, de comida, não dessas rações, Deus me livre do que são feitas... Os cãesinhos viviam livres e felizes pelos quintais e vizinhança das casas. Na minha família atendiam por nomes como Sheik, Bilu, Japi. A maioria era vira-lata, os melhores para fazerem barulho quando alguém invadia a propriedade. Eram dois, no máximo, por residência, exceto pelas dezenas que viviam e acompanhavam D. Maria.

Era uma festa constante. D. Maria caminhando rumo à padaria, à venda, ou sabe-se lá para onde, acompanhada por cerca de duas dezenas de cachorros. De todos os tamanhos

e diferentes raças. Ela conversava com todos e os múltiplos latidos, vários abanando os rabos, dificultavam a gente identificar a quem ela se dirigia.

Ouvia-se de longe o barulho e crianças, como eu, corriam para a porta de casa para ver a passagem da Dona Maria dos Cachorros.

Uns a chamavam de Velha Suja, ou Porca; outros de Doida Varrida. O que a memória guarda é de longas saias, blusas largas e panos jogados sobre o corpo que, mais tarde, um artista chamou de parangolés. D. Maria dos Parangolés e seus cachorros, todos parados comportadamente na porta da padaria enquanto ela pegava seus pães. Na porta do açougue era uma algazarra, os bichos querendo entrar e a mulher impedindo-os e pedindo o que queria lá do meio da rua. Alguns clientes

irritados com o avanço dos cachorros perante o cheiro de sangue eram ignorados, Dona Maria fazendo de conta que não os ouvia. Vez ou outra o açougueiro jogava um pedaço de carne no meio da rua. Os cãesinhos corriam alucinados. Junto com eles a Dona Maria, corria preocupada para o meio da rua, impedindo a passagem de carros e similares, protegendo a matilha.

Mamãe contava que aquela mulher escolheu viver com os cães. O marido era cachaceiro inveterado e judiava dela e dos filhos. Esses, cresceram e foram embora. Nunca voltaram e ela não teria ido atrás de nenhum deles. Um dia ela tomou coragem e, armada de um porrete, botou o marido pra correr, já então com o apoio de alguns cachorros que, defendendo a dona, partiram pra cima

do homem.

Foi quando passou a acolher todos os cães que apareciam por lá. Uns, levados pelos vizinhos, outros bem filhinhos eram abandonados na porta da casa.

Vivendo entre os animais, conversando com eles, foi se afastando dos vizinhos, só se comunicando mesmo com fornecedores. O padeiro, o açougueiro; verduras, não. Cultivava em horta própria, assim como frutas vinham do pomar do fundo do quintal. De onde vinha a renda, não se cogitava. Talvez algum filho mandasse algum dinheiro; talvez ela possuísse alguma reserva proveniente de herança. O que era certo é que vivia tomando conta de si e dos cães, passeando alegremente com os bichinhos em meio a festa e cuidados. De sua passagem pelo passeio em frente da nossa casa ouvia-se os

latidos e, acima desses, a voz da mulher chamando para perto de si aquele que descia para a rua.

Sem dar bola para os vizinhos, esses também se esqueciam dela, deixando-a em sossegada paz. Às vezes ela passava dias sem sair de casa, mas era vista cuidando do quintal, brincando com os bichos. Entrou para a história o dia em que se ouviu cachorros uivando, lamentando o corpo caído no meio da sala. Quem escutou disse que eram como um choro desesperado, dolorido. Quem viu, guardou a imagem de alguns cachorros lambendo a dona, como se tentando reanimá-la.

A notícia ruim se espalhou feito raio e como mágica o marido retornou. Tomou conta dos funerais e, anunciando a venda do imóvel, avisou aos curiosos que apareceram no velório que

daria um fim na cachorrada. Alguns animais foram levados embora, adotados no mesmo dia. Outros foram vistos pelas ruas, dias depois. Sem os cuidados da dona trataram de dar rumo na vida. As ruas do bairro ficaram mais tristes e silenciosas.

De Dona Maria dos Cachorros ficou por muito tempo a lembrança. Diziam por lá pelo Boa Vista, em Uberaba, que quando malditos donos tiravam filhotes das mães e os jogavam em um canto qualquer, via-se nas noites um vulto de mulher, cheia de parangolés, alimentando-os e colocando-os no colo para ninar. Houve até gente que disse ter ouvido acalantos na voz da mulher, o que poucos acreditaram. É lenda, diziam. É bonito, mas é lenda. Deixem Dona Maria descansar em paz!

QUANDO A 'NONNA' MORREU

Quanta saudade da 'nonninha' querida
De cabelinhos brancos e já alquebrada
O tempo judiou tanto dela em sua vida
Uma vida com a família compartilhada

Quantos quitutes a 'nonninha' fazia
Polenta *brostolada* polenta frita
Bolachinhas de nata bolinho pingado todo dia
E aquelas roscas em formato de jacaré bonitas

A costelinha de porco que delícia que era
O suã bem gordo o toucinho que derretia
Os miúdos entre eles a pacuera
Um suculento pernil que a família abastecia

Rabo de porco orelha joelho para a feijoada
E quando o lombo era assado na folha de [bananeira
E os gordurosos torresmos que davam [uma panelada
Sem esquecer do cudiguim e da linguíça caseira

E quando a 'nonninha' socava no pilão
O toucinho magro misturado com farinha torrada
Consistia naquele gostoso prato o pirão
Que alimentava os mais velhos e a criançada

A 'nonna' assava no braseiro a batata doce suculenta
E a pipoca na panelinha de ferro estourava
Os temperos da 'nonna' continham muita pimenta
Mas da fortidão ninguém da casa reclamava

Quantas vezes a 'nonna' rezava o terço contrita
Pedindo a proteção de Deus e de sua santinha
Pois ela mantinha uma antiga imagem tão bonita
Que era da venerada Santa Terezinha

Mas ainda hoje quando ela já partiu serenamente
Sua doce imagem permanece na memória gravada
E quando seu nome lembro emocionalmente
Parece que a estou vendo na cozinha atarefada

(Impossível ler as crônicas do Ivan e não criar alguma história em torno de suas hilariantes e bem compostas criatividade. A de hoje faz parte de seu cantinho costumeiro, na edição n.º 620, do Jornal Monte São, fevereiro / 2024).

Arlindo Bellini

PRINCÍPIOS PARA LIDERAR — A HUMILDADE

LEONARDO LABEGALINI

Na esquina do bairro, uma pequena cafeteria abria suas portas todas as manhãs, exalando o aroma reconfortante de café fresco. Entre mesas e poltronas de madeira rústica, Téó aguardava, imerso em pensamentos. Naquela manhã, ele estava inquieto, refletindo sobre os desafios que enfrentava como líder de sua equipe no trabalho. Havia marcado um encontro com alguém que, segundo seus colegas, poderia oferecer insights valiosos sobre liderança — O Líder Inspirador, como era conhecido.

Assim que o L.I. entrou na cafeteria, um homem de semblante sereno e olhar penetrante, Téó sentiu uma onda de respeito e admiração. Após algumas trocas cordiais sobre o café e o clima agradável, Téó não pôde conter a ansiedade.

- Tenho lido muito sobre liderança - Téó começou - mas, na prática, é difícil equilibrar as necessidades da equipe com meus próprios desejos e ambições. Às vezes, sinto que meu ego interfere nas decisões,

prejudicando o grupo.

O L.I. sorriu, tomando um gole de café antes de responder.

- Téó, o desafio que você descreve é universal na liderança. O ego é parte natural de quem somos, algo que carregamos desde a infância. Quando crianças, aprendemos a ser egoístas para garantir nossas necessidades. Mas, ao crescer, precisamos domar esse ego para que ele não domine nossas ações, especialmente na liderança.

Téó ouviu atentamente, reconhecendo a verdade nas palavras do líder. Ele sabia que seu ego, por vezes, o levava a tomar decisões que beneficiavam a si mesmo, mas não necessariamente à equipe.

- Liderar - continuou o L.I. - é mais do que comandar ou ter a palavra final. É entender que a verdadeira liderança envolve humildade e altruísmo. Jesus, por exemplo, abriu mão de sua própria vontade para que a vontade de seu Pai fosse feita. Isso não significa fraqueza ou submissão, mas sim que ele compreendia a importância de colocar o bem coletivo acima de seus

desejos individuais.

Téó sentiu um arrepio. Nunca havia pensado na liderança dessa maneira — como um ato de abrir mão do próprio ego em prol de algo maior.

- Mas como aplicar isso no dia a dia? - perguntou, curioso.

- O segredo está em questionar constantemente: 'O que é melhor para todos?' Não se trata de ser o centro das atenções, receber todos os méritos ou se autopromover. Quem lidera de verdade sabe que seu papel é promover os outros, empoderá-los e atender às necessidades, não às vontades. Liderar com humildade significa abrir mão do egocentrismo e trabalhar para que os outros sejam os verdadeiros protagonistas. E isso, Téó, é o que realmente diferencia um líder inspirador de um chefe.

Enquanto Téó processava aquelas palavras, o líder fez uma pausa, permitindo que ele refletisse.

- Lembre-se, Jesus em sua sabedoria, dizia: 'Pai, que seja feita a sua vontade'. Isso reflete o princípio de que, para liderar uma equipe, precisamos pensar no bem

coletivo antes do individual. É um exercício de generosidade e busca pelo bem-estar do outro.

- Então, liderar com humildade não significa ser passivo, mas ter a coragem de abdicar do ego pelo bem do grupo? - Téó perguntou, buscando confirmação.

- Exatamente! É mais que isso, significa reconhecer que a verdadeira promoção acontece quando promovemos os outros. Se você ainda não ocupa uma posição de liderança, precisa aprender a seguir a visão do outro, a fazer a vontade dele. Só assim, um dia, terá a oportunidade de liderar a partir de seus próprios princípios.

- Acho que entendi... preciso me desenvolver mais, não só como líder, mas como pessoa.

- É isso mesmo - disse o L.I. com um sorriso - desenvolva-se sempre, viva com humildade, respeite as posições de honra e, acima de tudo, seja generoso.

Enquanto terminavam seus cafés, Téó sentia-se mais leve agora com uma nova perspectiva — uma visão de liderança enraizada na humildade e no altruísmo.

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte São - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte São - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

A 4 MÃOS: MARCIO LABIGALINI NOS DEDOS DO MEU PAI: ROMILDO LABIGALINI

MARCIO E ROMILDO LABIGALINI

Papai não quer crescer mais.

Parece que já pendurou as canetas...

Diz que perdeu as inspirações, o que pra nós é um baita prejuízo.

Por isso, resolvi fazer umas escrivinhas e convidá-lo pra botar a mão na minha cumbuca, pra ver se ele sai do seu casulinho.

Nesta minha longa vida, confesso que escrevi pouco, mas sempre refleti bastante sobre a minha jornada e a minha existência.

Do pouco que escrevi, quando ele não gostava dos meus finais

tristes, fazia as devidas mudanças antes de enviar pro jornal, pensando que isso me faria feliz.

Papai sempre foi muito criativo, desde molequinho, sempre usou muito seus neurônios; mas agora, meu Papito não quer nadica de nada. Ultimamente, seu passatempo é assistir filmes. Diz ele que na Netflix já assistiu quase tudo.

Meu pai é o primeiro filho varão de uma grande ninhada. No total, meu avô teve 13 filhos. Uma das filhas do primeiro casamento faleceu criança. Assim, a família prosperou com os 6 filhos do primeiro casamento e 6 do segundo, após o

falecimento da minha avó, quando meu pai era um bambininho de 13 anos. Por isso tudo, meu pai teve que assumir sua hombridade muito cedo, pela necessidade de ser o braço direito do meu avô. Mesmo miudinho, assumiu tarefas de gente grande.

Meu avô foi o caçula dos filhos e perdeu seu pai quando era adolescente. Similar ao meu pai, teve seus motivos pra ser tão cauteloso e apreensivo com seus rebentos. Era uma rigidez necessária.

A dureza da vida nunca refletiu nos dedos do meu pai, que sempre nos fizeram viajar em seus enredos e análises mirabolantes,

sob o seu ponto de vista agradável, singelo e com finais felizes.

Papai sempre foi persistente, exageradamente. Mesmo quando descaradamente errado na sua afirmação, sempre encontrava uma solução para estar meio certo... :)

Meu pai nunca deu passos maiores que suas pernas e nunca estendeu o chapéu onde o seu braço não alcançava; mas, já deu umas mijadinhas fora do penico, quando finalmente buscou a sua felicidade.

As agruras da vida fizeram com que meu pai, inconscientemente, se mostrasse um tanto quanto arredio ao novo e a qualquer tipo

de aventura... O que o transformou num crítico mais voltado para aquilo que podia dar errado, do que para aquilo que podia dar certo.

Minha tia Irene é bem mais exagerada que ele. Se a gente fosse pro Nordeste: - Cuidado, que lá é muito quente! Se fosse pra cidade grande: - Cuidado pra não ser assaltado! Se fosse pra roça: - Cuidado que lá tem cobra! Fora isso, a tia Irene sempre foi muito solícita e ajudou bastante na minha caminhada, além de ser cozinheira de mão cheia.

Pior que a tia Irene no lado desmotivador, só a tia Nina, a mais

velha de suas irmãs, que já faleceu há bastante tempo.

Aqui escrevendo, percebo minha dose (não homeopática) desta cautela na vida. Luto diariamente com isso. Tento ver, com outros olhos, as coisas boas; mas confesso que me sinto triste com certa frequência. Quase finalizando este texto, já imagino as alterações que meu pai vai fazer: vai dar uma bela maquiada e terminar falando em cantoria de passarinhos na sua janela, beija-flores nas flores, bem-te-vis que viu e ouviu...

Enfim, vai falar de coisas boas e simples da vida, que a gente se esquece de ver.

LALARALÁ... LALARALÁ...

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Eu acredito que cada pessoa vem ao mundo com uma missão. Ele se chamava Senhor Abravanel, de origem judia, mas ficou conhecido como Sílvio Santos. Foi de um simples camelô que vendia capinhas plásticas de documentos a símbolo da comunicação. Tornou-se o maior apresentador da televisão brasileira. Descobriu o segredo de saber con-

versar com o povo. Não é para qualquer um. Sou professor de línguas e comunicação e costume mostrar aos meus alunos como é difícil e complexo o processo de entendimento entre as pessoas. Em todos os níveis e qualquer classe social, religiosa ou cultural. Costume dizer que quanto mais simples, melhor a comunicação. Sílvio Santos foi um mestre na arte de se comunicar com simplicidade, com palavras sempre

seguidas daquela risada que o caracterizou para sempre. Mais do que um grande comunicador e empresário bem-sucedido, foi um ser humano consciente e singular. Basta

citar uma de suas frases: "Do mundo não se leva nada. Vamos sorrir e cantar". Ele não levou nada. Deixou um baú de felicidade e uma porta de esperança!



O BAÚ

JOSÉ CARLOS GROSSI

No sótão da casa de minha avó há um baú que revirei do avesso, curiosidade que tenho por coisas encantadas.

Mas a casa do norte da Itália já não existe, apenas em pensamento. Era a mãe que sempre inventava coisas da avó. De seus benzimentos com estranhas orações. E do avô compartilhando suas sessões e pouco se importando com as velas negras e vermelhas que acendia por todos os cômodos. Por isso que meu pensamento imaginoso sem-

pre transcende realidades, e certo dia, em sonho, a casa me apareceu, como a mãe a havia descrito. A sala de sofás já estragados, vitrôs com teias de aranhas que se estendiam aos móveis e chamou-me a atenção o candelabro de chifres de cervo. Uma escadinha no ranger da madeira, depois a portinha com fecho de cobre. E o baú estava sob poeira, restos de toalhinhas rendadas e mal iluminado pelo sol que vazava o telhado em goteiras. Pingos luminosos que também clarearam cadeiras, poltronas e uma cadeira com bico exa-

geradamente grande que me suscitou poções de ervas.

Retirei tudo que estava em cima e nervosamente me pus a abri-lo. Peguei uma máscara de nariz deveras alongado, afunilado, depois outra e outra. Algumas cartas fechadas e naquela que abri, de um rapaz se despedindo para guerra, com sua foto dentro. Um papel rasgado com uma receita à mão que não soube para que servia. Duas bonecas sem cabeça que depois as encontrei desembulhando uma toalha cheirando a mofo. E bem no fundo, espremida entre almo-

fadas, uma bruxa de olhos esbugalhados e amarelos que disse qualquer coisa que não entendi. Depois ergueu-se e me agradeceu num abraço de ossos, magra como a vassoura que ela mesmo pegou.

- Enfim, livre deste inferno! ...Agora te devo um favor... peça-me o que quiseres!

Tenho andado só pelas ruas me perguntando quem de fato sou. E como posso me livrar do encantamento que eu mesmo implorei naquele dia. Apesar de algumas vezes estar feliz neste mundo irreal convivendo com criaturas bizarras.

AMIGA

JAIME GOTTARDELLO

A amiga vivia dividida em fases, como a Lua que mostra uma nova face a cada 6 ou 9 dias. Tinha um lado doce e meigo à noite, porque nós a víamos dançar com frequência. Podia ser dura e amarga no meio do dia, porque bebia no boteco boca-de-porco. Ela, como a Lua, possuía múltiplas facetas e nuances que mudavam conforme o momento e ocasião. Mistérios, variações e mudanças que ditavam o ritmo de suas existências. Me dizia "não sei por que eu perco meu tempo tentando escrever poemas... não acredito no que escrevo, são palavras que se desgastam, rasgam e já não me importam mais".

Sempre gostei dessa sua introspecção e vulnerabilidade. Sua frustração com a escrita e a falta de fé em suas próprias palavras revelava a mim um lado seu ainda mais profundo e humano, que

contrastava com as fases mais externas e perceptíveis de sua personalidade, de como dançar e beber.

E apesar de toda a complexidade e mudança que ela carregava, havia uma sensação de desilusão ou cansaço em relação à expressão de seus sentimentos, como se as palavras não fossem capazes de capturar toda a profundidade de suas experiências. Para mim, isso enriqueceu ainda mais o retrato dela, mostrando que, como a Lua, ela não era apenas múltipla em suas facetas, mas também carregava consigo um certo peso existencial, uma luta interna que talvez nunca tenha sido completamente resolvida.

Partiu cedo. Ficou minha eterna saudade e a sensação de que um dia a Lua vai revelar a mim o segredo que minha amiga cultivava de ser doce e amarga, como é a vida: continuidade e esperança.

RANCHO ALEGRE

Tenho na roça um rancho
Enfeitado de jasmim
Linda morada, benzinho
Vem viver junto de mim

Um canário cantador
Cantando na paineira
Cavalo bom bem garrido
Uma vaquinha leiteira

O rancho é pobre, mas farto
Tem de tudo que eu preciso
Ele contigo reparto
Em troca do teu sorriso



Cido Boava

DERRAMARIA LÁGRIMAS SE MEUS OLHOS NÃO FOSSEM UM DESERTO

MATHEUS ZUCATO

Deixo, dos apócrifos, os fragmentos legíveis, conforme sequência numérica organizada pelos escribas massoretas.

Antes ainda de contarem o tempo, antes ainda de aprenderem a registrar a passagem da vida, nos tempos anteriores a Abraão, a Ur-Namu e Sargão da Acádia, esta história já era famosa. Os registros nas Tabelas de Uruk ainda não haviam sido inscritos. Podemos volver a história para antes dos registros nos ossos de Ishango e nos dos montes Libombos, que datam de cerca de 20 mil anos atrás.

[Fragmento 1, ramo persa] Este é meu relato. Só na desolação do homem ele contempla o divino. Quando ainda não haviam escrito a primeira palavra de nossa história, ele já estava lá, e nós não o vimos. Conto como contam ter acontecido. A palavra é forte no mundo de trevas.

[Fragmento 2, ramo persa] (...) de nome de difícil tradução, vindo dos Am'raiiit, é certo que (ele) portava classe distinta, superior, privilegiada. Muito antes de O Casal ter cedido à argúcia da serpente, muito antes das comportas do céu se abrirem e as da terra se escancararem, muito antes de o dia ser chamado Dia, os seres já se encarnavam no mundo por onde um dia peregrinamos: as vastidões de verde. É dito que o único sentimento exclusivamente humano é o da contemplação.

[Fragmento 3, ramo persa] (...) registrada como lenda milenar nos mais antigos documentos babilônicos (encontrados em Nippur,

no atual Iraque), a lenda de Sahirã diz que este grande antepassado de Sargão, com quem foi associado, foi um artista da areia especialmente famoso. Vivíamos no paraíso verde. É dito que Sahirã viajava pelo Mar (Mediterrâneo) encantando chefes tribais com sua habilidade de chorar pequenos grãos de areia. Espantados ficavam quando os primeiros grãos começaram a brotar dos olhos do homem quando este chorava. Desde aquela época a humanidade se divide entre os cétricos e os crentes. Estes últimos o consideraram uma divindade, enquanto os primeiros tentaram entender a artimanha. (...) os artistas de areia são assim chamados por suas habilidades de dos olhos nus expelirem pequenos grãos de areia.

[Fragmento 5, ramo árabe] *Louvores a Deus, soberano generoso, criador das criaturas e dos homens que o adoram.* Faço a elaboração de testemunho fiel: eu pertencio ao grupo dos cétricos delatores das falsas divindades. Não estava certo de como aquele (homem) de punho artístico fazia o que fazia, mas decidi entender a sua arte e desvendar de qual artimanha ele se utilizava para ludibriar os que em sua tenda entravam, a preços que variavam de um ou dois carneiros a muitos quilos de grãos [a unidade de medida de peso foi adaptada ao texto pela tradução], para contemplar o milagre vivo, os pequeninos grãos de areia rolares pelos seus olhos. São eles chamados os homens da arte de areia.

[Fragmento 8, ramo árabe] *O Rei dos Reis, aventu-*

roso, queira-nos em paz. Ao mesmo tempo, eu, que não desejava contribuir para tal falsidade, me vi colocado na difícil posição de analisar o "milagre" sem vê-lo de perto. Não teve jeito, todas minhas conjecturas foram eliminadas pelos crentes. Houve dentre os meus parentes os que deixaram de frequentar o meu lar. Criticaram minha falta de fé quando uma divindade tão graciosamente nos presenteara com sua presença neste mundo.

[Fragmento 13, ramo persa] (...) pois não era o tempo dos zigurates. Babel nem em sonhos aparecera aos povos que permaneciam distribuídos naquela vastidão de terra fértil, verde, mas todos falavam numa mesma língua. O mundo verde ainda era feito para nós. Nosso povo era um.

[Fragmento 21, ramo árabe] *Não existe poderio nem força senão em Deus altíssimo e grandioso.* Nos dias que se seguiram todas minhas tentativas de desbançar o homem foram vãs, e decidi fazer a visita em seu vazio espetáculo. Tirei de meus rebanhos aquele carneiro que menos importava, e o dei aos do círculo do homem. No interior da cabana, homens e mulheres tocavam flautas e tambores, o que tornava especialmente impactante o acontecimento. Não demorou até que o artista Sahirã, sentado em posição elevada, passasse a se emocionar com a música tocada pelos seus. De seus olhos, pequeninos grãos brilhantes de areia rolaram nos tapetes que cobriam o chão. Nós olhamos para os de seu círculo, e eles acenaram de maneira que cada um dos que estavam co-

migo pegou um grãozinho de areia do solo e o verificou. Os grãos vinham dos olhos dele. Um deles proferiu uma oração e engoliu o grão. Outro gritou uma blasfêmia em nossa língua e fugiu para longe. O restante ficou como eu, ou em contemplação atônita, ou meditativa. Coloquei o grãozinho entre os dentes e percebi que se tratava, realmente, de areia do solo.

[Fragmento 34, ramo árabe] *Pois a recompensa quem dá é Deus, El Shaddai.* Naquela noite não fui invadido pelo sono, mas pela agonia. No dia seguinte, os antigos deuses haviam de estar furiosos, pois os raios de sol atingiram com mais força a nossa terra. Um amigo de nome Sukkal me recomendou algo sábio, e eu consenti em (...)

[Fragmento 55, ramo persa] e depois que Urakk, pastor daquela tribo, foi encontrado com boca e garganta completos de areia nos domínios de Sahirã, a população se voltou contra o artista. Urakk morreu nos domínios do homem. De pescoço elevado, recitou a bela poesia dos Am'raiiit:

"Meus amigos e companheiros se detêm diante de minha chaga. Estendem-me laços os que atentam contra minha vida, os que procuram minha ruína me difamam, todos os dias meditando em traições. [Mas] sou como homem que não ouve e não tem réplica na boca."

[Fragmento 89, ramo persa] Urakk foi encontrado morto e os céus caíram sobre Sahirã. Ao homem incidiu a decisão de morrer ou viver como condenado. O artista da areia foi condenado a viver exilado. O homem pôs-se

SERIEMA

o ramo
daquele arbusto
é uma seriema
que quando venta
canta



as folhas
da ameixeira
são asas
de borboleta
que quando caem
avoejam

os encantos
de nossas vidas
é a gente
que inventa

Kuaia

a chorar e este foi o fim do paraíso verde. O mundo já não era feito para nós. Nosso povo precisou perambular e assim atingiu outros mundos. Nosso povo precisou construir uma cidade (murada) e o fez. Nosso povo foi enganado e aprendeu a cultivar novos deuses. Nosso povo foi confundido e à nossa cidade deram o nome de Babel, ou Balal, e então Babel.

[Fragmento 144, ramo árabe] *Não existe mão sobre a qual não esteja a mão de Deus.* Dos olhos do artista brotou um rio de areia e ele se

pôs a perambular para o oeste. Os céus não cessaram de ferver o mundo por muitos dias, e a areia quente tomou conta do nosso paraíso. Muito tempo passou até que os Am'raiiit criaram palavra para aquela desolação (do homem). Mais tarde os usurpadores dos Am'raiiit chamaram a criação do artista de El-sahirã, que chegou até nós como apenas sahrã (o que hoje conhecemos como Saara, que significa, simplesmente, "deserto" — adaptação ao texto). Só na desolação do homem ele contempla o divino.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

CAMARADAGEM NAS ESTRADAS

UGO LABEGALINI

Quando eu saio de carro pelas estradas, me vem à lembrança meus tempos de caminhoneiro que já ficaram bem distantes. Naquela época havia mais educação e camaradagem entre os motoristas de caminhões, ônibus e outros veículos mais pesados. Com meu Fenemê, por exemplo, ao subir uma serra mais longa, devido à vagare-

za do caminhão pesado era normal formar aquela fila enorme atrás da gente, parecendo até sepultamento de pessoa importante. Os motoristas com veículo mais leves ou mais espertos, assim que encontravam uma brecha, mesmo sendo em trecho com faixa dupla, engrenavam uma marcha mais pesada e se arrancavam, sumindo da vista. Os mais lentos e pesados iam se acumulando na

rabeira formando aquela tripa comprida. A gente na frente ao volante sentia-se incomodado em não poder facilitar a ultrapassagem para os enfileirados. Ansioso, não via o momento de encontrar um trecho com o acostamento bom, para botar as rodas da direita fora do asfalto, abrindo espaço aos indignados da retaguarda. Alguns, ao se livrarem da fila, reconhecendo a camaradagem,

davam um toque na buzina por se verem livres daquele estrupício lerdado. Outros faziam gestos mandando a gente para aquele lugar. Quando o acostamento deixava de oferecer segurança, ligava as setas da esquerda e retornava corretamente ao arrolamento da pista. Esse era o meu procedimento ao longo dos anos. Hoje, viajando por aí, dificilmente se esbarra numa camaradagem.

Nota-se que ao formar uma fila atrás dum veículo pesado, seu condutor não facilita em nada, irritando aqueles que estão em sua traseira. No meu tempo, quem judiava bastante dos viajantes eram os carreteiros gaúchos. Eles viajavam sempre em bandos, um caminhão colado ao outro, igual a linguça em gomos, impossibilitando a ultrapassagem. Pareciam ser os donos da estrada.

Nem mesmo um veículo com boa arrancada conseguia abandoná-los, por não haver espaço entre um e outro. Tinha que ultrapassá-los todos de uma só vez, coisa quase impossível, só mesmo cometendo abuso. A gauchada dificilmente se juntava aos outros carreteiros. Foram sempre fechados, principalmente com os paulistas que nunca amarraram os burros no mesmo toco.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTB 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rieilli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Alacício Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é publicado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ MORAIS CARDOSO

UMA HISTÓRIA DE DEDICAÇÃO À EDUCAÇÃO E À COMUNIDADE

MARILENE
GENGHINI
LAURINDO

(DIRETORA ESCOLAR)

Localizada no Bairro dos Alves, a Escola Municipal José Morais Cardoso atende alunos de diversos bairros e centro da cidade de Monte Sião. Foi legalizada em 19 de setembro de 2019 e conta com 254 alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental e 42 funcionários. Tem como missão oferecer uma educação de qualidade e transformadora, onde respeita e

valoriza a individualidade de cada aluno e promove o seu crescimento intelectual, social, mantendo um forte vínculo com a comunidade local. A escola se orgulha de seus funcionários e de seu corpo docente, que são qualificados e se empenham diariamente em preparar os alunos para os desafios do futuro, incentivando o pensamento crítico, a criatividade e a cidadania.

Entre diversas atividades desenvolvidas, como Projeto de Leitura, Sistema X que é o Xadrez nas escolas, onde abrange alunos

dos 1º e 2º anos, entre outros, destacamos o Projeto do Horário Cívico, onde semanalmente uma turma realiza apresentações culturais e se apresenta para os demais colegas. Em seguida cantam o Hino Brasileiro, o Hino de Monte Sião e homenageiam os aniversariantes da semana. Estas atividades vêm enriquecendo a experiência de cada aluno, contribuindo para formação de indivíduos mais conscientes, respeitosos e ativos. A escola também busca parceria com os pais, trabalhando em conjunto em prol do

bem-estar e do desenvolvimento educacional das crianças.

A escola reforça o compromisso com a educação de qualidade, pois acredita que a educação é a base para um futuro melhor e, por isso, todos os profissionais trabalham com dedicação e carinho para oferecer o melhor aos nossos alunos.

A Escola Municipal José Morais Cardoso continuará a sua trajetória sempre em busca de inovação e melhoria, reafirmando seu papel como uma instituição educacional.

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetões e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Agosto de 2024

Nº 626

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Setembro de 2024

Dia 01	Alyne Labegalini De Nez,
Luiza Righeti Amaral	Dia 17
Maria Ap. Labegalini	Eduardo Cândido de Godoy
Tatiana Virgílio Comune	José Carlos F. Vilas Boas
Célia Pereira S. Freire	Norma Santos Trindade,
Edmárcio de Souza Bueno	Aline Monteiro V. Brunialti
Dia 02	Dia 18
Celso Damasceno de Souza	Patrícia Zucato Dizeró
Lourdes H. Moreira	Érica Araújo
Manoel C. da Costa	Vítor Henrique U. Biscuola
Vera Lúcia G. de Moraes	Felipe Gomes da Silva
Rodrigo Giglio Zucato	Dia 19
Bruno Daniel A. Faria	Gilberto Costa Bruneli
Dia 03	Edina N. G. Labegalini,
João Carlos Genghini	Benedita S. H. Machado
Maira de Souza	Dia 20
Rony Martins Vedovoto	Heloisa Helena Genghini
Mônica Labegalini	André A. dos Santos
Cauã Guireli	Dia 21
Elisete Comune	Eliana Bourgeth D. Machado
Acácio Cétolo	Giselda Monteiro Guinesi
Dia 04	Fábio Glória
Mariane Mariano Silva	Rita S. B. Castro Gonçalves
Clara M. Nicioli Cirioni,	Maria da Conceição
Dia 05	José Luiz Andreta
Iraci Aparecida Freitas	Priscila Ribeiro Zucato
Tiago Comune Barros	Dia 22
Dia 06	Camila Rosiene Barbosa
Aparecida Glória Bernardi,	Vânia Maria Pioli Labegalini
Túlio e Heleno Guirelli	Irene Labegalini Zucato
Elaine Cristina M. da Costa	Rogério Artuso
Eliza Akini Shimoda	Mariana Artuso
Dia 07	Adilson José Queirós
Angelina B. C. Simões	Willian Comune Barbosa
Guilherme Gotardelo	Hélio Aparecido Gomes
Fernanda B. Andrade	Benedita Stela J. Canela
Simone de Souza	Antonia Ap. Martins Ribeiro
Dia 08	Dia 23
José Ap. Dorta Machado	Ana Lúcia dos Santos
Camila Comune Daldosso	Luiz Righeti
Michel Caroli	Roberto Jacomassi Augusto,
Dia 09	Mª de Lourdes V. Labegalini,
Maria Ap. Luz Labegalini,	Dia 24
Dia 10	Ronaldo A. Labegalini
Irineu Labegalini,	Meire Regina Labegalini
Ana Lúcia Santos	Enevaíne da Silva Martins
Dia 11	Renata Comune Fiori
Maria Imaculada de Oliveira	Marcela Cristina Renção,
Romildo Labegalini	Pedro Henrique Monteiro
Dia 12	Dia 25
Pedro H. Coelho Marcelino	Fanny Gnecco de Calhelha,
Bruna Dias e Silva	Ernestina Ota Izumi
Alome Acorsi Comune	Alcina G. Otaviano Miranda
Dia 13	Isabel Cristina Barbosa
Luigi Gottardello Fonseca	Dia 26
Nathália de Godoi	Antonio Edmar Guireli
Dia 14	Ana Eliza Fernandes
Ana Carolina G. Silva	Dia 27
Michel Coutinho de Souza	Leonildes Labegalini,
Fátima Ap. da Costa	Dia 28
Gabriela Pennacchi	Mariane Magioli Brécia
Fabília Araújo	Camila Costa P. Bueno
André Luiz Messias	Dia 29
Dia 15	Irmã Andréa Comune
Amanda C. P. Pennacchi	Eliane Comune
Isabel Regina B. C. Ribeiro	Roger Campos Freire
Alexandre Kuroda,	Cláudia Amaral Macedo
José Sabino Bueno	Dia 30
Dia 16	Bruna Antunes da Costa
João Tadeu D. Machado	Marcelo Ricardo Labegalini.
Mariana C. Pereira Varoni	

A todos, as felicitações da Redação!

UM NO CRAVO, OUTRO NA FERRADURA: CONTRATAÇÃO DE APOSENTADOS PODE TER TRAVA

A edição de 9/8/2024, pag. B4, do "O ESTADO DE S. PAULO", informa que a Senadora Margareth Buzetti (PSD-MT), "relatora do projeto de lei que acaba com o desconto do FGTS e da Contribuição Previdenciária para trabalhadores aposentados... para impedir que empresas substituam empregados mais jovens por aposentados...", etc. e etc. Juro que não entendi! Em vez de incentivar a criação de vagas pra todo mundo e de promover a redução de tributos para facilitar as contratações, ficam olhando pra dentro e tentando remediar por intermédio do sacrifício de uns para o benefício de outros. Nunca funcionou, não funciona e não vai funcionar. Culpa dos eleitores que elegem figuras desconectadas! E danem-se os veinhos. Eita!

ORA PRO NOBIS, PADRE BRUNO GENGHINI

Continuando a vocação religiosa presente na família Genghini, desde os tempos de Don Bosco, na Itália, tivemos vários padres, freiras e monjas dedicando-se ao profícuo afazer de servir a Deus. Atualmente, na Comunidade Santíssima Trindade, temos a honra e a graça da presença marcante de Padre Bruno Luciani Santos Genghini e da irmã Magda Genghini.

Diariamente, pelo YouTube, às manhãs e à noite o Padre Bruno compartilha momentos de evangelização e de orações num tom pedagógico, suave e acolhedor. Vale a pena acompanhar as falas de Padre Bruno! Uma bênção! Amém! (<https://www.youtube.com/watch?v=9nynhh-Cm-7c>)

PREMIAÇÃO DOS VENCEDORES DO CONCURSO DE POESIAS

Aconteceu dia 17 de agosto, sábado, no auditório do Colégio Monte-Sionense, com início às 20 horas, a premiação dos vencedores e a divulgação das principais poesias que participaram da XXII edição do Concurso "Fritz Teixeira de Salles" de Poesias. Foi uma linda noite com poesias, música, coquetel e lançamento de livros. Monte Sião tem encontrado seu caminho rumo à produção e preservação cultural. É preciso e oportuno que a população, o meio acadêmico e o meio empresarial participem cada vez mais, incentivando a iniciativa para que perpetuemos a imagem de Monte Sião como uma cidade diferenciada, também, pelo interesse cultural. Vida longa!

GINCANA POLÍTICA

Está aberta a temporada de caça aos eleitores/votos e de novo vamos ver desfilar diante de nossos olhos as maiores bizarrices em termos de prome-

sas de campanha. A maioria dos candidatos a prefeitos e vereadores são pessoas do povo, simplórias e de pouco conhecimento jurídico ou da máquina administrativa. Assim, ao arripio da lei e das normas, saem prometendo Deus e diabo aos incautos e descreditos eleitores. Depois, se eleitos, assumem suas cadeiras, enquanto os funcionários burocráticos tocam a máquina do jeito que der e os assessores e apaniguados dos políticos saem por aí repercutindo os discursos para tentar proteger seus padrinhos. Mais do mesmo!

PEDÁGIO, OUTRA VEZ... PARECE QUE...

No final de julho, lá pelo dia 30, o Jornal EPTV SUL DE MINAS produziu respeitável matéria abordando os problemas e os descasos da operadora da praça de pedágio Free Flow instalado no bairro dos Paullini, na Rodovia MG-459, que liga Monte Sião a Ouro Fino. Os problemas relatados são vários e tão relevantes que, analisados por advogados e despachantes, levou a Defensoria Pública de Ouro Fino, representada pelo Defensor Dr. Evandro Luiz dos Santos, a mover ação para que as providências de regularização dos serviços pela prestadora e até o pleito de redução da tarifa, sejam analisados pela via judiciária. Vamos esperar que saia algo de bom pela via judiciária, porque pela via política os usuários levaram "chumbo no lombo"! A conferir.

Fragmentos - 39

ARIOVALDO GUIRELI

1 - Sabemos que a poesia é feita de delicadezas e transparências. Às vezes frágeis, porém a linguagem que se expõe alcança voos imensos e suas imagens cabem dentro de cada coração, até mesmo dos mais empedernidos. E se manifesta na criticidade de quem a lê .

2 - Vivemos num tempo apressado e a poesia desponta como descontração, calma e sentimento grudado na pergunta feita pelo mestre Carlos Drummond de Andrade "por que motivo as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será que a poesia é um estado de infância relacionado com a necessidade de jogo, a ausência do conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de

pureza da mente em suma? Acho que é um pouco de tudo isso..."

3 -Recentemente Roseana Murray, poeta que nasceu no Rio de Janeiro em 1950 , sofreu um ataque de cães ferozes, pura negligência de seu tutor que os deixavam sem a alimentação da sobrevivência. E ao se libertarem do "presidio" da casa, a atacaram de forma voraz. Roseana passou por diversas cirurgias para se recompor.

4 -Entre vários livros escrito por Roseana Murray, destacamos: "No país das coisas impossíveis"; "Classificados Poéticos"; "O Circo"; "Receitas de Olhar". Destacamos esta poesia de Roseane: - Atenção! Compro gavetas, compro armários, cômodas e baús. Preciso guardar minha infância, os jogos de amarelinha, os segredos

que me contaram lá no fundo do quintal. Preciso guardar minhas lembranças, as viagens que não fiz, ciranda cirandinha e o gosto de aventura que havia nas manhãs. Preciso guardar meus talismãs, o anel que tu me deste, o amor que tu me tinhas e as histórias que eu vivi.

5 -"O povo que confia sua subsistência a um só produto, suicida-se" José Martí.

6 -Leiam de Fernando Bonassi – Passaporte – Editora Cosac&Naify.

7 -Este fragmento foi edificado na figura carismática de Sebastião Romeu de Souza- Romeuzinho.

8 -Beijos gerais!

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista
TELESON TELECOM
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● **Teste do Pezinho ampliado**
● **Credenciamento com os Laboratórios:**
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180